

PETZINE

apresenta

VOLUME 8

Karl Marx, Capital Volume One, Part Eight

Chapter Twenty-Six: The Secret of Primitive Accumulation

We have seen how money is changed into capital: how through capital surplus-value is made, and from surplus-value more capital. But the accumulation of capital pre-supposes surplus-value; surplus-value pre-supposes capitalistic production; capitalistic production pre-supposes the pre-existence of considerable masses of capital and of labour-power in the hands of producers of commodities. The whole movement, therefore, seems to turn in a vicious circle, out of which we can only get by supposing a primitive accumulation (previous accumulation of Adam Smith) preceding capitalistic accumulation; an accumulation not the result of the capitalistic mode of production, but its starting point. The primitive accumulation plays an important part in Political Economy about the same point as original sin in theology. Adam bit the apple, and thereupon sin fell on the human race. The origin is supposed to be explained when it is told as an anecdote of the past. In times long gone there were two sorts of people; one, the diligent, intelligent, and above all, frugal elite; the other, lazy rascals, spending their substance, and more, in riotous living... It came to pass that the former sort accumulated wealth, and the latter sort had at last nothing to sell except their own skins. And from this original sin dates the poverty of the great majority, that, despite all its labour, has up to now nothing to sell but itself, and the wealth of the few that increases constantly, although they have long ceased to work. Such insipid childishness is every day preached to us in the defence of poverty... As a matter of fact, the methods of primitive accumulation are anything but idyllic. In themselves money and commodities are no more capital than are the means of production and of subsistence. They want transforming into capital. But this transformation can only take place under certain circumstances that centre in this, viz.: that two very different kinds of commodity-possessors must come face to face and into contact; on the one hand, the owners of money, means of production, means of subsistence, who are eager to increase the sum of values they possess, by buying other people's labour-power; on the other hand, free labourers, the sellers of their own labour-power, and therefore the sellers of labour. Free labourers, in the double sense that neither they themselves form part and parcel of the means of production, as in the case of slaves, bondsmen etc., nor do the means of production belong to them, as in the case of peasant-proprietors they are, therefore, free from, unencumbered by any means of production of their own. With this polarization of the market for commodities, the fundamental conditions of capitalist production are given. The capitalist pre-supposes the complete separation of the labourers from all property in the means by which they can realize their labour. As soon as capitalist production is once on its own legs, it not only maintains this separation, but reproduces it on a continually extending scale. The process, therefore, that clears the way for the capitalist system, can be none other than the process which takes away from the labourer the possession of his means of production; a process that transforms, on the one hand, the social means of subsistence and of production



Mars em foco

Agradecimentos

O nosso muito obrigado da edição vai especialmente para a professora Gabriela Caramuru, pela participação no debate do CinePET de maio.

Sumário

Agradecimentos.....	3
CinePET do mês.....	5
O jovem Karl Marx.....	5
Conversa com o curador.....	6
Por que ler Marx? E como? Recomendações 008.....	7
Como começar a ler Marx?.....	8
A Ideologia Alemã.....	9
Grundisse.....	10
A vida de Marx no tempo de Grundrisse.....	11
As duas críticas do jovem Marx a Hegel.....	12
Da produção do chamado “jovem Marx”: algumas notas sobre os Manuscritos econômico-filosóficos.....	13
O casaco de Marx.....	14
O Capital – Extratos por Paul Lafargue.....	15
Espectros de Marx.....	16
As três fontes e as três partes constituintes do marxismo.....	17
Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna: biografia e o desenvolvimento de sua obra. Volume 1 - (1818-1841).....	18
Tempo, Trabalho e Dominação Social.....	19
Trabalho assalariado e capital.....	20
Kapital!: quem ganhará a luta de classes?.....	21
“O Capital” para Crianças.....	22
Fale conosco.....	23

CinePET do mês

O jovem Karl Marx



Situado entre 1844 e 1848, o filme biográfico tem como pano de fundo a trajetória política, intelectual e pessoal de Karl Marx. Passando pelas suas contribuições à Gazeta Renana e todas as perseguições políticas delas decorrentes até a sua inserção no movimento comunista como uma figura expressiva, o filme nos mostra uma vida circunscrita em situações conflituosas tanto com os perseguidores de Marx quanto com seus pares que também tinham em seus horizontes a transformação da sociedade vigente. É mediante isso que podemos acompanhar um progresso teórico que remonta desde o rompimento com os jovens hegelianos até o encontro de Marx com Engels e sua elaboração conjunta da crítica da economia política de seu tempo.

Conversa com o curador

- *Texto de Arthur Salles*

“O capital é um parasita abstrato, um criador insaciável de vampiros e zumbis; mas a carne viva que ele converte em trabalho morto é a nossa e os zumbis que produz somos nós”.

Esta citação que trago é do livro “Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?” de autoria do filósofo e teórico cultural britânico Mark Fisher. Embora seja em um tom mórbido, acredito que trazê-la para os dias atuais é extremamente pertinente, afinal de contas, hoje, a classe trabalhadora é, em grande medida, apenas mais um apêndice dessa maquinaria quase lovecraftiana que é o capital. E digo quase lovecraftiana no sentido de que, assim como nos contos do autor, onde tudo aquilo que se tem como amedrontador está para além da compreensão humana, o capital opera em condições pelo menos similares. O capital é um monstro não-humano, uma espécie de entidade que organiza a dominação social para além de nossas vontades individuais e cerceia toda e quaisquer relações sociais na medida em que é ele - o Capital - que faz a mediação delas por meio da forma mercadoria. Tudo aquilo que o capital toca subtrai qualquer humanidade e as torna tão somente mercadorias que se confrontam umas com as outras, lançando bases frutíferas para que a alienação impere e não possamos nos reconhecer uns aos outros enquanto seres humanos.

Não só isso, o Capital é extremamente perverso. Se antes ele operava em chãos de fábrica com a presença autoritária de patrões; hoje ele se vale de mecanismos mais sutis e algorítmicos, de tal forma que internaliza no seio da classe trabalhadora uma autovigilância constante em busca da produtividade máxima. Novamente ressalto a metáfora literária do Lovecraft: o Capital é um monstro não-humano que nos cerceia de toda e qualquer forma possível, embora, hoje, tente se mascarar sob o véu ideológico da autonomia e da cultura do empreendedor de si mesmo.

Justamente por isso escolhi o filme “O Jovem Karl Marx”. Com a derrocada da União Soviética e o predomínio da democracia liberal capitalista e ocidental sobre esta, muitos autores anunciaram a invalidez do marxismo. No entanto, mais do que nunca, as situações de trabalho estão em condições cada vez mais precárias - chegando a remontar condições da primeira metade do século XIX - e a vida da classe trabalhadora está cada vez mais em risco em um contexto de crise política, econômica e ecológica. Rememorar o espírito crítico da vida e obra de Marx, nesse sentido, é uma importante tarefa da qual devemos dar conta para entendermos as novas configurações de exploração da classe que vive do trabalho hoje. Não apenas isso, devemos ter no nosso horizonte formas de superar esse modo de organização social cujas bases estão na exploração de seres humanos por outros seres humanos.

Por que ler Marx? E como? Recomendações 008

- Vídeo do canal Tese onze



Para entender a relevância do marxismo nos dias de hoje, é importante reconhecer como o método de análise de Marx proporciona uma estrutura para analisar a trajetória histórica das sociedades humanas, identificando padrões e tendências que continuam a moldar a contemporaneidade. Marx desenvolveu uma abordagem dialética e materialista para a história, permitindo compreender como as forças econômicas, as relações sociais e as estruturas políticas interagem ao longo do tempo. Esse método é valioso porque fornece uma lente para examinar a evolução das sociedades, o que ajuda a interpretar os desafios e crises do presente com base em uma análise histórica sólida. Uma das razões pelas quais o marxismo continua aplicável é porque o capitalismo, como sistema econômico dominante, opera com base em contradições inerentes. Assim, a busca pela acumulação de capital leva a um foco incessante no crescimento e no lucro, o que, por sua vez, incentiva práticas como a gestão agressiva de recursos naturais e a exploração do trabalho humano.

Confira o vídeo pelo QR code abaixo



Como começar a ler Marx?

- Aula aberta com Jorge Grespan



A vídeo-aula, produzida no contexto da publicação da obra do historiador Jorge Grespan “Marx e a crítica do modo de representação Capitalista” pela editora Boitempo, constitui uma introdução particularmente potente da obra de Marx ao estabelecer debate com referências contemporâneas de pesquisa sobre o pensador alemão que possuem pouco lastro no Brasil, como no caso da “Nova Leitura de Marx” originária da Alemanha. O espectador é convidado ao estudo explorando as discussões a respeito da subjetividade na teoria marxiana, sob a perspectiva da crítica da economia política desenvolvida entre idas e vindas ao longo da vida do autor e retomando a questão da consciência tendo ponto de partida o fetichismo da mercadoria como subsunção de diversos conceitos, como alienação e ideologia.

Pavimenta-se então espaço para a retomada da ofuscada discussão sobre formas de representação a partir da política e da relação dos sujeitos com a forma-mercadoria, iniciada na trilogia da luta de classes na França e esmiuçada posteriormente em *O Capital*. A discussão esboçada por Grespan no vídeo e aprofundada no livro demonstra como há ainda diversas dimensões da teoria marxiana a serem exploradas mesmo em suas obras mais conhecidas, colocando em cheque proposições, sejam elas de signatários ou críticos de Marx, que originam reducionismos e espantalhos deterministas e economicistas.

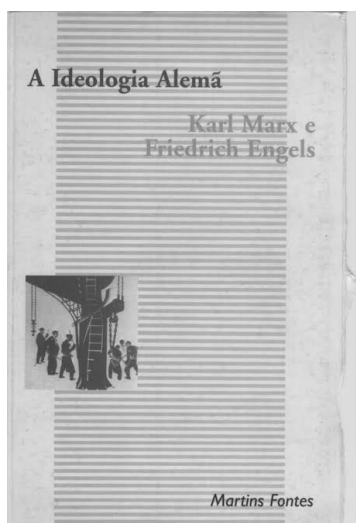


Teve interesse? Acesse o conteúdo pelo QR code

A Ideologia Alemã

- Livro de Karl Marx e Friedrich Engels

Texto seminal de Marx e Engels - e publicado apenas postumamente -, nele vemos as bases fundacionais do método de análise marxista e um rompimento da dupla com a corrente teórica vigente da época, sendo esta o idealismo dos jovens hegelianos. Em um tom muitas vezes ácido e intempestivo, Marx critica as elaborações feitas especialmente pelos pensadores Max Stirner e David Strauss, cujas visões acerca do atraso da Alemanha naquela época estavam tão somente ancoradas em fundamentos religiosos e teológicos. Nesse sentido, seria a religião - e, por extensão a produção da consciência - a principal responsável pelos grilhões da humanidade, uma ferramenta de alienação. A estas noções Marx postula críticas a partir do materialismo e da reconstrução histórica das relações de produção ao longo da humanidade: o primeiro ato histórico, antes de qualquer coisa, é a produção dos meios de subsistência para a manutenção da vida. Assim, para entendermos o movimento em sua totalidade, devemos posicioná-lo materialmente na história e não apenas em categorias abstratas do pensamento; não apenas isso, para que se haja uma transformação contundente da realidade, não apenas a crítica intelectual deve ser feita, mas também a derrubada das estruturas que permitem a sua sustentação.



Este QR code te leva ao acesso do livro na íntegra, com opção de apenas leitura ou download

Grundrisse

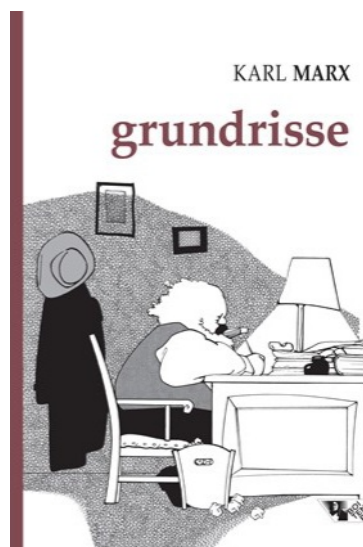
- Livro de Karl Marx

Os Grundrisse de Karl Marx escritos entre 1857 e 1861 são, assim como os Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844, *insights* do autor que foram publicados posteriormente à sua morte. Esse compilado de anotações do velho Marx para uso privado, publicado apenas em 1941, contém rascunhos e formulações iniciais das ideias desenvolvidas em O Capital. O interesse e o estudo destes escritos vai muito além de simples hagiografia e esclarecimento de conceitos empregados nas obras acabadas, contendo aprofundamentos e linhas de pensamento específicas.

A planta-base de sua obra-prima apresenta ritmo próprio derivado da forma literária particular e radical interação entre filosofia, história, arte e crítica da economia política, esta característica do pensador alheio as artificiais divisórias acadêmicas assume papel central no fluxo de pensamentos aqui despreocupados com a lapidação didática e formal.

Essa obra, que influenciou diferentes intelectuais da segunda metade do século XX como Antonio Negri com sua original interpretação das reflexões marxianas ou os vinculados à chamada “teoria crítica” como Herbert Marcuse, possui diversos convites que podem ser feitos ao seu estudo, desde a abertura de revisitar a obra de Marx sob luzes antes ofuscadas até a reflexão sobre a maquinaria e o trabalho morto que a cada dia mais se tornam indispensáveis para pensar as diversas ramificações da sociedade da mercadoria contemporânea.

Acesse o livro aqui:



A vida de Marx no tempo de Grundrisse

- *Texto de Marcello Musto*

No pequeno ensaio, Marcello Musto reúne uma série de trechos de cartas trocadas entre Marx e Engels ao longo dos anos de 1857 e 1858. Devido à sua mobilização política, o alemão foi expulso da Bélgica, da Prússia e da França – quando se mudou para Londres, em 1849, onde passou o resto da sua vida. Pelas precárias condições financeiras e de saúde em que viviam na capital inglesa, três de seus filhos, Henry, Edgar e Jenny, vieram a falecer. A renda de Marx, além da ajuda de Engels, dava-se pelo seu trabalho no New York Tribune, cuja dinâmica fora alterada com a crise econômica internacional de 1857. Apesar disso, segundo carta trocada com Engels, o alemão se divertiu com os pedidos de ajuda de capitalistas a seus governos.

Em um novo projeto editorial no jornal norte-americano em que trabalhava, Marx fez um acordo com o amigo: para se dedicar à sua pesquisa, encarregou-se de compilar esboços biográficos, enquanto Engels deveria editar verbetes militares. Além da pobreza, Marx foi acometido por vários problemas de saúde no período, como infecção em um olho, dores nos dentes, na vesícula e no fígado. Medicado, não conseguia voltar à sua pesquisa, apenas escrever para o New York Tribune. Em meio a tudo isso é que os Grundrisse foram escritos.

Marx desistira de atuar em algum movimento político organizado, segundo Musto e, como dito em carta a Engels, acabou por se tornar um ermitão. A recessão mundial, decorrente da crise, foi um incentivo para que ele continuasse trabalhando. Foi no ano de 1859 que ele publicou o livro Uma contribuição à crítica da economia política, sob preparação d'O capital.

*O texto está disponível na íntegra
no QR code*



As duas críticas do jovem Marx a Hegel

- Vídeo do canal *Crítica Marxista*



As críticas de jovem Marx a Hegel mostram uma relação complexa entre rejeição e adaptação. Marx era crítico do idealismo de Hegel, que acreditava que a razão tinha um papel fundamental e poderia se manifestar plenamente através da história, guiando-a para uma realização lógica. No entanto, Marx não descartou completamente a contribuição de Hegel, pois reconheceu o potencial da dialética hegeliana como ferramenta para entender os processos históricos. A dialética, na visão de Hegel, é um processo em que ideias ou teses são desafiadas por antíteses, resultando numa síntese. Marx, ao aceitar esse método dialético, fez uma inversão materialista, focando não em ideias abstratas, mas em condições materiais e econômicas como forças motrizes da história. Para Marx, a análise dialética precisava levar em consideração as condições materiais e as relações de produção, ele argumentava que, ao contrário do que Hegel sugeria, a história não era um processo de realização de ideias, mas um campo de luta entre diferentes classes sociais, cada uma buscando seus próprios interesses. Essa visão materialista levou Marx a desenvolver uma crítica mais ampla ao sistema capitalista, propondo que as mudanças estruturais só ocorreriam através da transformação das relações econômicas e sociais, desafiando as bases sobre as quais o Estado estava construído.

Assista o vídeo aqui:



Da produção do chamado “jovem Marx”: algumas notas sobre os Manuscritos econômico-filosóficos

- Texto de Jesus Ranieri

Esse texto tem como objetivo entender as bases que constituem o pensamento embrionário do que viria a ser o chamado “materialismo histórico” na obra de Marx a partir do contato dele com a dialética hegeliana e o materialismo feuerbachiano - bem como o seu rompimento com essas correntes de pensamento posteriormente. Soma-se a isso também um encontro incipiente de Marx com a economia política inglesa de seu tempo, fazendo com que suas elaborações comecem a ter como centralidade analítica o trabalho. O trabalho, aqui, é então um elemento de sociabilidade do gênero humano que preconiza uma interação entre seres humanos e natureza em uma interposição dialética, isto é, na mesma medida em que ele modifica a natureza, a natureza também o modifica. Não só isso, vê-se uma preocupação pujante de Marx em superar o binômio indivíduo e sociedade na medida em que o trabalho é uma mediação que produz a sociedade e o homem em conjunto.

Achou interessante? Acesse o texto pelo QR code



O casaco de Marx

- Texto de Peter Stallybrass

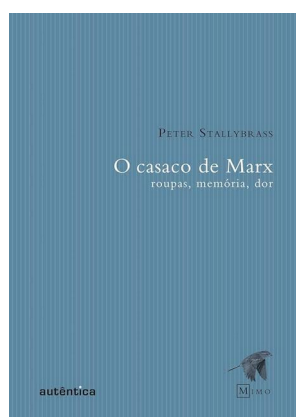
Em *O casaco de Marx*, segundo texto que compõe o livro homônimo, Peter Stallybrass se dedica à análise da vida doméstica dos Marx e de sua relação com a roupa – especialmente, com o sobretudo do alemão, utilizado no primeiro capítulo de *O capital* como exemplo de mercadoria, valor de troca, destituído de sua dimensão material, valor de uso. Numa breve passagem pela noção de fetichismo da mercadoria, o crítico literário afirma que, com esse conceito, Marx se referia a um tipo de fetichismo que toma como seu objeto o não objeto transcendental, a mercadoria, o que esconde o trabalho humano responsável por trazê-lo à vida e a possibilidade de ele ser utilizado, vestido, bem como agir sobre quem o faz, como o casaco.

A partir de cartas trocadas entre Marx e Engels, entreve-se as paupérrimas condições de existência pelas quais a família do primeiro passou ao longo dos anos 1850 e 1860. O sobretudo, junto de um passe de entrada, era fundamental para que Marx pudesse se utilizar da sala de leitura do Museu Britânico e realizar sua pesquisa-base para *O capital*, já que deveria se mostrar apresentável para adentrar o local. O auxílio financeiro de Engels, seu trabalho como jornalista e o contínuo trânsito de seu casaco, assim como de peças do vestuário de Jenny, Laura e Eleanor, constituíam a manutenção da sobrevivência da família. Sempre se encontravam em débito com comerciantes e cada compra tinha, como contrapartida, uma peça levada à casa de penhores, que era recuperada após alguns meses, mas penhorada, novamente, após algum tempo. O ciclo se repetia semana e mensalmente.

Como afirma o crítico literário, penhorar um objeto significava destituí-lo de sua particularidade histórica, para que pudesse ser trocado no mercado. Para a classe operária, no momento da compra de um objeto, calculava-se a sua possibilidade de ser penhorado. Dessa maneira, não se tornavam bens de família e a memória que guardavam poderia ser, a qualquer tempo, perdida.



Leia 'O casaco de Marx' aqui



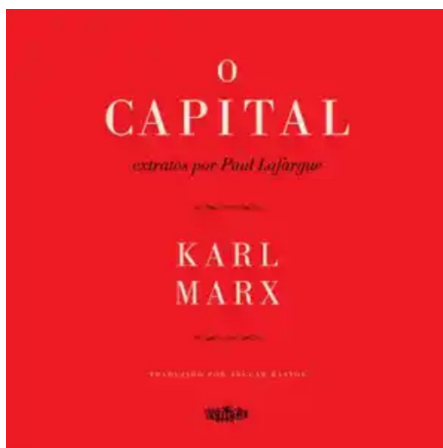
O Capital – Extratos por Paul Lafargue

- *Episódio do podcast Bibliotheca de Alexandria*

O canal de podcast Bibliotheca de Alexandria fez a gravação da leitura do livro “O Capital — Extratos por Paul Lafargue”. Livro que traz o conteúdo essencial da obra máxima de Karl Marx. Reunindo os conceitos fundamentais e indispensáveis do original, onde Lafargue organizou uma obra clara que busca popularizar a teoria econômica de Marx junto aos operários. Para o filósofo alemão, este foi o ensaio que mais se aproximou de uma leitura sintética de “O Capital”.

Esta obra concentra-se nos pressupostos do Livro I da extensa obra de Marx (composta de três volumes). Nestas páginas, Lafargue busca expor de forma pormenorizada a teoria do valor (uma das principais discordâncias do autor quanto à economia neoclássica), bem como os conceitos de mais-valia, força de trabalho como mercadoria, transformação do dinheiro em capital e as contradições gerais do sistema.

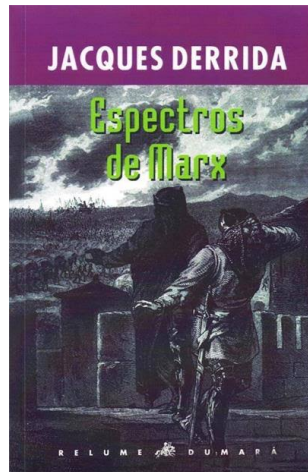
“O Capital” é uma das obras essenciais da economia contemporânea, e o trabalho de Lafargue, ao sintetizar os principais tópicos desta obra tão extensa, é uma contribuição inestimável para aqueles que buscam melhor conhecer a ciência econômica.



O episódio 'O Capital', do Bibliotheca de Alexandria completo está disponível neste QR code

Espectros de Marx

- Livro de Jacques Derrida



Ficou interessado? Acesse pelo QR code acima

Aqueles que anunciam de forma triunfal a morte de Marx são assombrados pelo espectro de seu pensamento. Esse é aspecto basilar da reflexão do filósofo franco-argelino Jacques Derrida em seu trabalho “Espectros de Marx”, publicado em 1993 a partir de conferências sobre o futuro e legado do marxismo.

A obra do filósofo, integrante da pouco homogênea tradição pós-estruturalista, parte da inversão do discurso dominante nos anos 90 de que com o fim da União Soviética e do Muro de Berlim o liberalismo e a sociedade de mercado tornaram-se o fim da história, como advogado por Francis Fukuyama. Confrontando a narrativa do “fim das narrativas” e defendendo a hipótese da cada vez mais latente vivacidade de Marx em uma conjuntura repleta de atestados de óbito, Derrida não está interessado aqui no resgate da versão canonizada, monumental, cadavérica e “academicamente correta” do pensador alemão, mas sim na “semente de dragões” e seu caráter subversivo.

Se o neoliberalismo e globalização produzem a cada vez maior desterritorialização, reterritorialização e universalidade do capital e da forma mercadoria, a defesa intransigente que Derrida faz dos espectros de Marx diz respeito justamente à potência cada vez maior da crítica alimentada por seu pensamento.

As três fontes e as três partes constituintes do marxismo

- *Texto de Vladimir I. Lenin*

Texto seminal do marxismo, Lenin faz o mapeamento dos elementos constitutivos que lançam as bases do marxismo. Nesse sentido, nota-se que o marxismo só é possível enquanto método de análise da realidade social por e na medida em que se apoia em elaborações previamente feitas no século XIX em diversos campos científicos, sendo elas a filosofia idealista alemã, a economia política inglesa e o socialismo utópico francês.

Além de expô-las enquanto ferramentas necessárias para a manufatura de uma análise do social, Lenin nos mostra didaticamente como estas se inserem em um esquema dialético ao reforçar a preocupação de Marx em não apenas compreendê-las, mas sim avançar e superá-las para adequá-las a um projeto revolucionário e materialista.



*No QR code você
tem acesso ao texto
de Vladimir I. Lenin
na íntegra*

Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna: biografia e o desenvolvimento de sua obra. Volume 1 - (1818-1841).

- Livro de Michael Heinrich

Livro na íntegra aqui:



O livro de Michael Heinrich, cientista político alemão, faz parte de um projeto em andamento de diversos volumes abordando a biografia de Marx em seus prismas históricos e intelectuais, explorando principalmente como seu pensamento foi moldado por diversas conjunturas e interlocutores, colegas e oponentes, fundamentando a tese do autor de que a obra marxiana trata-se de uma série de diferentes rupturas e reconfigurações e não uma “visão de mundo” e muito menos *continuum* de ideias cristalizadas. No caso deste primeiro volume publicado em 2018, o único até então, trata a infância e juventude de Karl Marx, culminando em sua tese de doutoramento da graduação em direito “Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro” e analisando o contexto político prussiano e como os debates teológicos que sondavam o ambiente do biografado o atravessaram, não como curiosa marginália acerca da religião em sua trajetória, mas sim palco para profícuas discussões relativas ao Estado, História, política e os fundamentos espirituais destes.

O mérito de Heinrich não é por acaso, seu acesso a documentos pessoais até então inéditos ou que receberam pouca atenção através de sua participação na MEGA 2, projeto iniciado na década de 60 entre pesquisadores alemães e soviéticos com o intuito de pesquisar e compilar os trabalhos de Marx e Engels e encontrar materiais perdidos, veio aliado com uma afiada crítica teórica e metodológica do fazer biográfico e sua tradição historiográfica com sabores burgueses e aromas de nostalgia aristocrática. Indo no sentido contrário deste campo literário permeado de culto a personalidade e misticismo “psicológico” o autor utiliza tempo e lugar como férteis antídotos contra o “mito da genialidade”, fazendo jus a ideia de que os homens fazem sua história assombrados pelos espíritos do passado e de seu entorno.

Tempo, Trabalho e Dominação Social

- Livro de Moishe Postone



Confira o trabalho na íntegra:



“Tempo, Trabalho e Dominação Social: uma Reinterpretação da Teoria Crítica de Marx”, publicado pelo historiador da Universidade de Chicago Moishe Postone em 1993, é uma obra que inaugurou nova frente dos estudos marxistas no contexto da tarefa histórica de analisar e agir frente às dinâmicas do capitalismo em sua fase pós-fordista. O texto serve como uma companhia do mais alto calibre para o estudo da crítica da economia política presente nos trabalhos de maturidade de Marx, mas vai além, proporcionando uma nova interpretação do conjunto de sua obra de forma crítica pós-assimilação de crivos históricos e dos trabalhos descobertos apenas no século XX, como os Manuscritos de Paris, A Ideologia Alemã e os Grundrisse.

A complexa relação de Postone com a tradição da Crítica do Valor (*Wertkritik*), originária da Alemanha dos anos 1980, é incontornável em suas formulações que carregam a marca destas discussões sem perder a originalidade. Suas reflexões em torno de O Capital centralizam o papel da mercadoria e sua dominação despersonalizada como categoria central, tecendo críticas ao foco no trabalho, inflacionada por outras tradições marxistas signatárias daquilo que Daniel Bensaid denominou de “dimensão antropológica de Marx”. A leitura de “Tempo, Trabalho e Dominação Social” constitui então um debate ímpar para os estudiosos brasileiros formados a partir das concepções aqui criticadas pelo autor.

Trabalho assalariado e capital

- *Texto de Karl Marx*

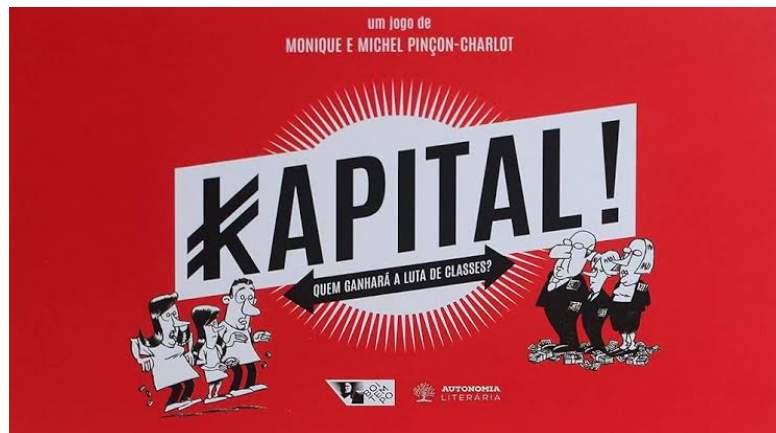
Este é um ótimo texto introdutório que lança as bases da teoria do mais-valor presente na obra posterior de Marx. Aqui podemos ver uma preocupação pujante em investigar a origem do valor na ciência econômica, o papel da classe trabalhadora no processo produtivo, como se determina o seu salário e a expropriação dos valores por ela produzidos. Nesse sentido, pode-se notar uma série de coisas: 1) o trabalhador não recebe por aquilo que ele produz; 2) no capitalismo, a força de trabalho torna-se tão somente uma mercadoria como qualquer outra; 3) o salário é a soma em dinheiro dada pelo capitalista em troca de um determinado tempo de trabalho e é determinado pelas condições de reprodução da classe trabalhadora para a manutenção da dominação da ordem capitalista.



O trabalho pode ser encontrado apontando a câmera para o QR code ao lado

Kapital!: quem ganhará a luta de classes?

- Idealizado por Monique Pinçon-Charlot e Michel Pinçon



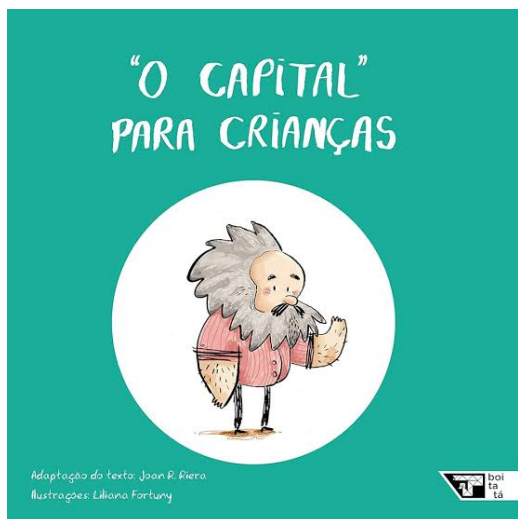
“*Kapital!: quem ganhará a luta de classes?*” é um jogo de tabuleiro de sociologia crítica idealizado pelos sociólogos Monique Pinçon-Charlot e Michel Pinçon estreado na França no ano de 2019 pela Editora La Ville Brûle, e trazido para o Brasil em 2021 pelas Editoras Autonomia Literária e Boitempo. Adaptado ao contexto brasileiro tem o intuito de desmistificar o pensamento de que as desigualdades sociais são processos naturais, ao revelar que são, na verdade, produto de um encadeamento de teias de relações assimétricas entre as classes dominantes e os dominados em uma sociedade capitalista.

De maneira didática, o jogo destaca como tais disparidades são intencionalmente mantidas em benefício da concentração de riqueza de uma minoria financeiramente privilegiada, em detrimento da maioria da população. Portanto, a finalidade do jogo é que os participantes experienciam o antagonismo das lutas de classes ao longo do avanço das setenta e seis casas do tabuleiro, as quais correspondem a média de expectativa de vida dos brasileiros, desde o nascimento até o paraíso.

A idade recomendada para o jogo é de quatorze anos, a quantidade de jogadores é de no mínimo dois e no máximo cinco, o qual apenas um participante é sorteado como pertencente a classe dos dominantes, com a finalidade de preservar seu status quo e o restante jogam na posição de dominados, com o propósito de derrubada da classe antagônica. Logo, o objetivo geral do jogo é acumular o maior número de Kapital (financeiro, cultural, social e simbólico), inverter as relações de classe e chegar primeiro no paraíso (fiscal ou não).

“O Capital” para Crianças

- Adaptado por Joan R. Riera



O livro de literatura infantil, recomendado para infantes a partir de seis anos de idade, intitulado "O Capital" para Crianças, publicado no ano de 2018 pela Editora Boitatá (selo infantil da Editora Boitempo), com adaptação do texto por Joan R. Riera e ilustrações de Liliana Fortuny, tem como objetivo demonstrar para as crianças de forma ilustrativa, simples, didática, lúdica e divertida a obra clássica adaptada de "O Capital" de Karl Marx sobre a luta de classes perante a sociedade capitalista e alguns conceitos derivados como operário, proletariado, patrão, lucro, mais-valor, entre outros.

A história é narrada pelo vovô Carlito por meio da demanda de seus netinhos que insistem em escutar uma história verídica, ou seja, nada de princesas, dragões, reis e cavaleiros. Então, o vovô Carlito, convencido pelos seus netos, inicia a contar uma história ocorrida no cenário da cidade de Liverpool, na Inglaterra, mas que ainda ocorre sistematicamente, nos dias atuais, em várias partes do mundo, qual seja a luta dos trabalhadores por meio do personagem Frederico. Frederico é um jovem camponês que chegou em Liverpool na busca de oportunidade de trabalho em decorrência da fome ocasionada pelas más colheitas da época.

O jovem consegue trabalho, como operário, costurando meias em uma fábrica têxtil e com uma jornada exaustiva de trabalho semanal. Um dia, Frederico resolve ir à feira comprar um par de meias que ele mesmo produziu e fica indignado ao descobrir que estas custam tão caro e o valor não condiz com o pouco salário que ele recebe na produção destas. Ao notar a injustiça do pouco que recebe, desabafa com um colega que entende a frustração do jovem e lhe explica o cálculo para o montante final do preço do produto. Para o cálculo, recebe a ajuda de Rosa, contadora da fábrica, que esclarece que o preço final das meias é o mais-valor, ou seja, o lucro do patrão. Frederico e seus colegas ficam revoltados com o tal do "mais-valor" e resolvem organizar uma greve reivindicando uma jornada reduzida de trabalho, melhores remunerações salariais e melhores condições de trabalho, as quais são aceitas pelo patrão. Com isso, os trabalhadores ficam muitos felizes e percebem que juntos são mais fortes para as conquistas de direitos.

Fale conosco

Esse zine é resultado de um projeto coletivo do grupo PET (Programa de Educação Tutorial), que atualmente conta com os integrantes Alessa Coelho Lauriano, Ariel Gomides Ferreira, Breno Bach Taques Camargo, Eduardo Henrique Leão Ruaro, Fernanda Tomazini, Hector Prestes, Hericsson Bueno Marchiorato, Isadora Emanuelli Bortolini, Juliana Thiemi Muraoka Vicente, Kailany Pereira Barros, Luis Felipe Siquinel, Márcio Rocha, Pedro Henrique Romano e Victor Arthur Salles Teixeira, além da tutora Andrea Carvalho Mendes De Oliveira Castro. Outras atividades também são desenvolvidas pelo grupo, tais como: o CinePET, atividade na qual são exibidas produções fílmicas acompanhadas por debates e discussões de ordem social; o PETcast, onde conversamos com professores e pesquisadores convidados sobre suas pesquisas e trajetórias; PETmídias, em que divulgamos nossas atividades e produzimos posts de indicação de leituras, filmes ou séries.

É importantíssimo destacar que a existência do grupo PET só é possível devido ao investimento público nas Universidades.



Instagram: @petcsufpr



e-mail: csociaispet@gmail.com



youtube: @petcienciassociaisufpr



spotify:

